

TRANSMUTAÇÕES GENERATIVAS



Exposição de Pedro Alves da Veiga

Galeria TREM | Faro | Inaugura: 2 fevereiro 18h30 | Patente até 16 março 2018



Exposição no âmbito da programação da Galeria TREM pelo curso de Artes Visuais / FCHS / UAlg
Promoção pelo CIAC / FCT, com o apoio da Câmara de Faro / Museu Municipal / Hostel 1878

Exposição de Pedro Alves da Veiga

TRANSMUTAÇÕES GENERATIVAS

Organiser un système de choses sensibles qui possède cette propriété,
c'est là l'essentiel du problème de l'Art;
condition nécessaire, mais fort loin d'être suffisante.

Paul Valéry

O poeta e ensaísta Paul Valéry publicou, em 1935, um texto a que chamou “Notion générale de l’art”. Neste texto, tenta responder a uma questão que se impunha no momento em que as vanguardas históricas já se tinham dissipado, mas cujos contributos continuavam a prosperar e a incomodar um universo que, pelo menos até ao século XIX, estava em conformidade com o cânone estabelecido muito cedo no Ocidente. Sabia-se bem o que era arte até que o mundo se deparou com as novas tecnologias de produção da imagem, como a fotografia e o cinema, e com a desconstrução da própria noção de objeto artístico, instaurada pelo gesto niilista do Dadaísmo. Passado mais de um século sobre o aparecimento quer das novas tecnologias, quer dos primeiros movimentos de vanguarda, a questão a que tenta responder Valéry continua procedente e, muitas vezes, sem resposta. Ou, pelo menos, sem uma resposta unívoca capaz de satisfazer a todos. Sobretudo após a entrada em cena das tecnologias computacionais que, rapidamente, foram absorvidas por artistas de diversa ordem que se apropriaram do universo maquínico, invertendo o seu sentido primitivo e utilitário, tornando a máquina “inútil”, ou seja, transformando-a, segundo Valéry, num objeto artístico: “Le caractère le plus manifeste d’une œuvre d’art peut se nommer *inutilité* (...)”. O poeta francês segue assim um dos princípios aventados pelo filósofo Immanuel Kant que, já no século XVIII, defendia a inutilidade da Arte como sendo uma das suas características fundamentais. Ora, falar da inutilidade, quer num quer noutro caso, não é, de maneira alguma, desvalorizar a Arte em si, mas, pelo contrário, estabelecer uma diferenciação entre os objetos dentro de um mundo de objetos com características e fins tão diversos. Neste sentido, acredito que a arte, no universo computacional/maquínico, só pode requerer este estatuto, ser arte, se romper com a ideia que circunda este mesmo universo, ou seja, – o da sua inserção no mercado, na indústria, no tecido económico-empresarial, enfim, no mundo dos objetos com finalidades, e preços, bem definidos. A arte pode assim ser concebida como um gesto de rotura profunda com o mecanicismo do fazer com vista a qualquer coisa. A arte é um gesto criador que se basta e, como tal, que se recria e se reinventa, em qualquer momento da História sem se importar com as ferramentas ou o suporte, mas com a sua essência de ser inútil.

A obra de Pedro Alves da Veiga, que vemos nesta exposição, é fruto de uma investigação, ou melhor, de uma inquietação constante do seu autor, que procura, através da tecnologia, desenvolver objetos que dialoguem com o público, mas também dialoguem com a noção vigente de arte dentro de um sistema de exibição e de consumo, de usos e de reflexão. O artista escolhe, dentre as muitas possibilidades da criação digital, a arte generativa, em si mesma um processo infinito de múltiplas e indeterminadas escolhas e combinações. Infinitas dentro da nossa capacidade limitada de perceber as variações, e repetições, do algoritmo. É-nos proposto interagir com as obras, que neste sentido funcionam connosco e em presença, mas que trazem já, dentro de si, a memória viva do seu autor, os elementos primais que, para ele, fazem parte do ser artista, a capacidade de transformação, a possibilidade de transmutação que só a verdadeira arte é capaz de proporcionar. Como diz Valéry, “l’ART, (...) est la qualité de la *manière de faire* (quel qu’en soit l’objet), qui suppose l’*inégalité des modes d’opération*, et donc celle des résultats, – conséquences de l’*inégalité des agents*.” A arte é um modo de fazer que supõe agentes desiguais e resultados diferentes, e dentro de um sistema, que está limitado pelas suas contingências, a arte é um modo de desfazer o mundo dos objetos, transformando os gestos mais quotidianos em autênticos gestos de criação e de re-volução permanentes.

Mirian Tavares